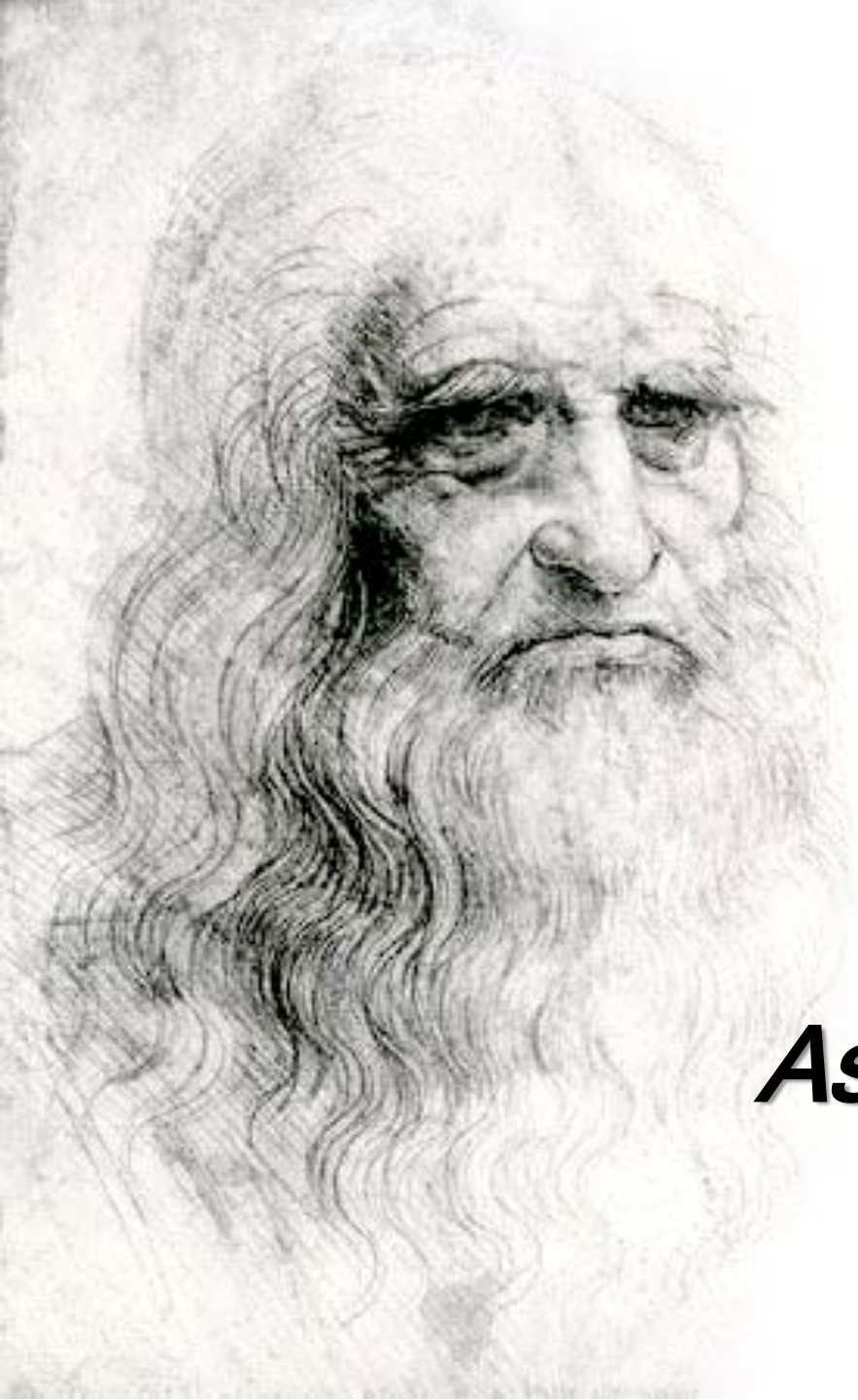




reflexões sobre
ARTEvisual
v.2 n.10 maio 2021

As lições de Da Vinci.

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.10 maio 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: Auto Retrato em desenho de Leonardo da Vinci.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Leonardo di Ser Piero da Vinci, ou Leonardo da Vinci nasceu em 15 de abril de 1452, em Anchiano, na Comuna de Vinci, na Toscana, região sob tutela de Florença, na atual Itália. Faleceu em Amboise, na França, em 2 de maio de 1519. Filho ilegítimo de um notário, Fruosino di Antonio da Vinci e de uma camponesa, Caterina di Meo Lippi. Da Vinci é considerado um *polímata*, ou seja, alguém que domina vários conhecimentos em diversas áreas.

A partir de 1469 se torna aprendiz no ateliê de Andrea di Cione, conhecido como Verrocchio, onde inicia seu aprendizado e desenvolve suas habilidades artísticas e técnicas: desenho técnico, química, metalurgia, mecânica, carpintaria e o trabalho com diversos materiais como couro e metal, aprende a fazer moldes e demais técnicas artísticas como desenho, pintura, escultura e modelagem.

No contexto da Arte Visual é reconhecido como pintor, desenhista, escultor e também como arquiteto, escritor, poeta, músico e fora dela como engenheiro, fisiólogo, botânico, biólogo, anatomista, químico, geólogo, cartógrafo, físico, mecânico e um grande inventor. Não se deve ignorar que também fazia parte de um tempo em que a Arte buscava uma aproximação fidedigna, quase mimética, da natureza e o raciocínio de Leonardo, caminhava neste sentido

Sem dúvida foi um dos grandes estudiosos e inventores, principalmente se levarmos em conta a limitação das informações disponíveis no seu tempo e as difíceis condições de aprendizado, assim é possível entender melhor o que significava ser um cientista naquela época: alguém preocupado em transformar o conhecimento em algo para ser usado, o que representa um grande ganho para a humanidade e um modelo de conduta.

De todo o conhecimento desenvolvido por Leonardo da Vinci interessa, neste caso, o seu domínio sobre a Arte Visual. Por isto o tema destas reflexões se dedica às “lições” deixadas por ele neste campo de conhecimento. Olhando para sua produção não parece que tivesse só preocupações em ser um bom desenhista, pintor, escultor ou o que quer que fosse, mas em desvendar, construir processos em busca da excelência e da ciência que o amparava.

Pode-se dizer que Da Vinci “problematizava” tudo aquilo que lhe interessava entender e, por meio deste questionamento, da observação, da constatação e da experimentação construía o conhecimento. Neste sentido seu interesse como Cientista não se afastava do seu lado artístico. Não bastava desenhar ou pintar, mas sim desenvolver meios capazes de serem eficientes e definir uma “metodologia” na Arte.

A principal publicação sobre o conhecimento artístico de Leonardo é o ***Trattato della pittura*** –(*Tratado da pintura*), uma coletânea de escritos publicada em 1651 e, mais tarde, em Roma em 1792. A coleta das anotações do mestre é atribuída a Francesco Melzi, seu discípulo e herdeiro, que selecionou uma série de escritos depois de sua morte. Os escritos foram copiados e distribuídos entre artistas e amigos, mais tarde acabaram se transformando em várias publicações.

É necessário compreender que tal obra fala da Arte no seu tempo e para seus contemporâneos, contudo, como um dos primeiros Tratados se tornou um “manual” dedicados à formação em Arte, acabou sendo uma referência para o aprendizado e a concepção estética do Renascimento e da Pintura por séculos, ainda hoje, é possível obter alguns benefícios de tal obra. Daí a importância de recorrer às “Lições” de Da Vinci.

D I S E G N I
CHE ILLUSTRANO L'OPERA
DEL
TRATTATO DELLA PITTURA
DI LIONARDO DA VINCI
TRATTI FEDELMENTE
DAGLI ORIGINALI DEL CODICE VATICANO.



R O M A

M D C C C X V I I.

Esta é uma cópia da capa do original que se encontra no *Codex Vaticanus*, publicado em Roma. Pertencente à coleção do Museu de Arte de São Paulo - MASP.

Há uma cópia da edição de Milão, em italiano, disponível em:
https://books.google.com.br/books?id=SPE TAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

uma edição espanhola:
<https://archive.org/details/eltratadodelapino0leon/page/4/mode/2up?view=theater>

uma edição recente em italiano disponível em meu site:
<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos/send/16-textos/933-da-vinci-tratatto-della-pittura>

O Tratado de Pintura é justamente uma coletânea de reflexões, constatações e experiências que Da Vinci anotou ao longo de sua vida, uma espécie de Diário Técnico. Estas anotações revelam as conclusões às quais chegou ao longo do tempo e que se tornaram orientações, conselhos, ensinamentos técnicos e estéticos organizados com o fim de subsidiar o conhecimento sobre o processo da Pintura, reconhecida, por ele, como a “maior” das manifestações artísticas.

O tratado acaba se tornando material didático de apoio à função docente facilitando o ensino e o aprendizado na Pintura e em Arte. Neste caso, pode-se dizer que Da Vinci foi o primeiro professor, artista e pesquisador cujos conhecimentos, transformados em textos, serviram de orientação para a formação de outros artistas dentro da visão tradicional e acadêmica desde então. O Tratado pode ser visto como um importante compêndio didático e pedagógico para o conhecimento e ensino em Arte Visual.

Cabe destacar também que a questão Davinciana é consolidar o desenvolvimento da pesquisa em curso até aquele momento cujo projeto pragmático se baseava na práxis e na experimentação abrindo caminho para a Ciência moderna. Neste sentido, todos os apontamentos de Da Vinci, indicavam a necessidade de problematizar as questões para justificar e garantir a autonomia da Arte e as teorias que a amparam enquanto ciência e não como fazer intuitivo.

Deve-se ressaltar também que o Tratado de Pintura não se caracteriza como um projeto hegemônico e unitário, é o resultado de uma coletânea de anotações feitas ao longo de sua vida e depois organizada num só contexto por temas. Não tem uma concepção linear, mas fragmentária e isto, ao contrário de ser um mal, é uma característica que reflete os procedimentos e condutas e o processo conceutivo e criativo Davinciano.

Por um lado tais anotações assumem caráter prescritivo na medida em que se propõem a orientar os modos de fazer, por outro, adotam caráter teórico quando buscam explicar e justificar, por exemplo, os efeitos da luz solar na sombra e na luz como o *chiaroscuro* e fenômenos atmosféricos como a diminuição da visibilidade do horizonte como o *sfumatto* ou ainda as expressões fisionômicas das pessoas em relação à afetividade demonstrada.

O que faz Da Vinci é buscar e prescrever meios e procedimentos técnicos que possam ser replicados, no campo da Pintura ou Desenho como se faz na ciência. É necessário destacar que ele estava sempre preocupado em garantir o lugar da Arte no contexto científico e cultural em desenvolvimento no seu tempo. Neste sentido o Tratado é extremamente importante para a lógica e o raciocínio que o amparava como autor.



Esquerda: A Virgem das Rochas (1483-85) Louvre. À direita: A Virgem das Rochas (1491-1508), National Gallery. Ambas revelam as preocupações de Da Vinci quanto ao esmero técnico dedicado ao naturalismo e à obtenção de efeitos espaciais compatíveis com as variações ambientais, luminosas e atmosféricas.

Há várias versões e traduções do Tratado de Da Vinci, portanto, nenhuma delas foi revisada por ele, já que foi uma publicação póstuma.

Vários artistas, intelectuais, editores e artistas que ilustraram seus textos puderam interferir no processo, logo, não se pode considerar que tudo tenha sido escrito “ao pé da letra” por ele, mas que representa, na sua totalidade, o seu pensamento em torno da Arte e das concepções que defendia.

Portanto, tirar algumas “lições” do tratado é mais uma questão de estímulo para desenvolvimento de reflexões em torno do pensamento de Leonardo da Vinci do que apontar critérios ou prescrições em obediência ao grande e dileto mestre. Faço esta ressalva por levar em conta que o que se entendia por Arte naquele momento não é necessariamente o que se entende por Arte hoje em dia. Os modos de fazer e pensar Arte mudaram muito desde então, Da Vinci, reflete o seu tempo.

Assim, o tema: “Lições de Da Vinci” são recortes tomados do conjunto de seus pensamentos contidos e consubstanciados no *Tratado de Pintura*. Não devem ser tomadas como prescrições definitivas e sim como um meio para conhecer um pouco mais o grande ser humano que foi e ao mesmo tempo homenagear sua memória.

Neste sentido vou procurar olhar estes recortes com uma certa ordem, embora não seja uma reprodução exata de seu percurso.

Pode-se olhar para questões de caráter técnico propostas por ele ou para questões de caráter estético e conceitual ou destacar os conselhos e orientações para quem quer se dedicar à Arte Visual, há várias possibilidades.

Acredito que seja possível tornar esta leitura proveitosa no sentido de entender o mestre e aproveitar suas lições no sentido de compatibilizá-las, quando possível, com tempo atual. Assim não se perde o conceito original e ainda muito se ganha.

A primeira lição, portanto, pode se referir aos elementos plásticos ou “princípios”, como os chama, constituintes da Pintura, como o próprio Da Vinci diz: *“O princípio da ciência da pintura é o ponto, o segundo é a linha, o terceiro é a superfície, o quarto é o corpo”...*

Esclarece que o “corpo” é o tema ou assunto principal que orienta a condução da pintura e fala de um “*corpo fingido*”, porque tudo faz parte de uma construção simulada em superfície.

Continua: *“A superfície plana tem todos os seus simulacros em toda a outra superfície plana que representa seu objeto”.*

A superfície que receberá as construções imagéticas é composta de outras superfícies que irão construir a imagem como partes de um todo, não esquecendo que tudo é simulacro, representação, ilusão. A linha pode ser entendida como os contornos, limites e fronteiras que delineiam e definem as formas, o princípio do desenho estruturante.

O que diz Da Vinci, é dito também por Wassily Kandinsky, séculos depois, em seu livro Ponto e Linha frente ao Plano em 1916. Ambos querem estabelecer uma estrutura conceitual sólida para pensar a construção artística e recorrem aos elementos da Geometria para fazer isto. A diferença de três séculos entre um e outro não diminui a disposição em amparar os estudos da Arte num processo estrutural e estruturante que possa ser replicado e mantido como recurso pedagógico e estrutural neste campo de ensino.

A diferença é a abordagem temática do contexto de cada um: o de Da Vinci requer o naturalismo e o de Kandinsky requer a abstração, são focos diferentes mas estruturas semelhantes.

Contudo é importante notar que tanto um quanto outro recorreram aos mesmos elementos para justificar a consistência da pesquisa em Arte. Neste sentido pode-se dizer que esta é uma lição foi duradoura já que transcendeu os séculos e chegou até agora.



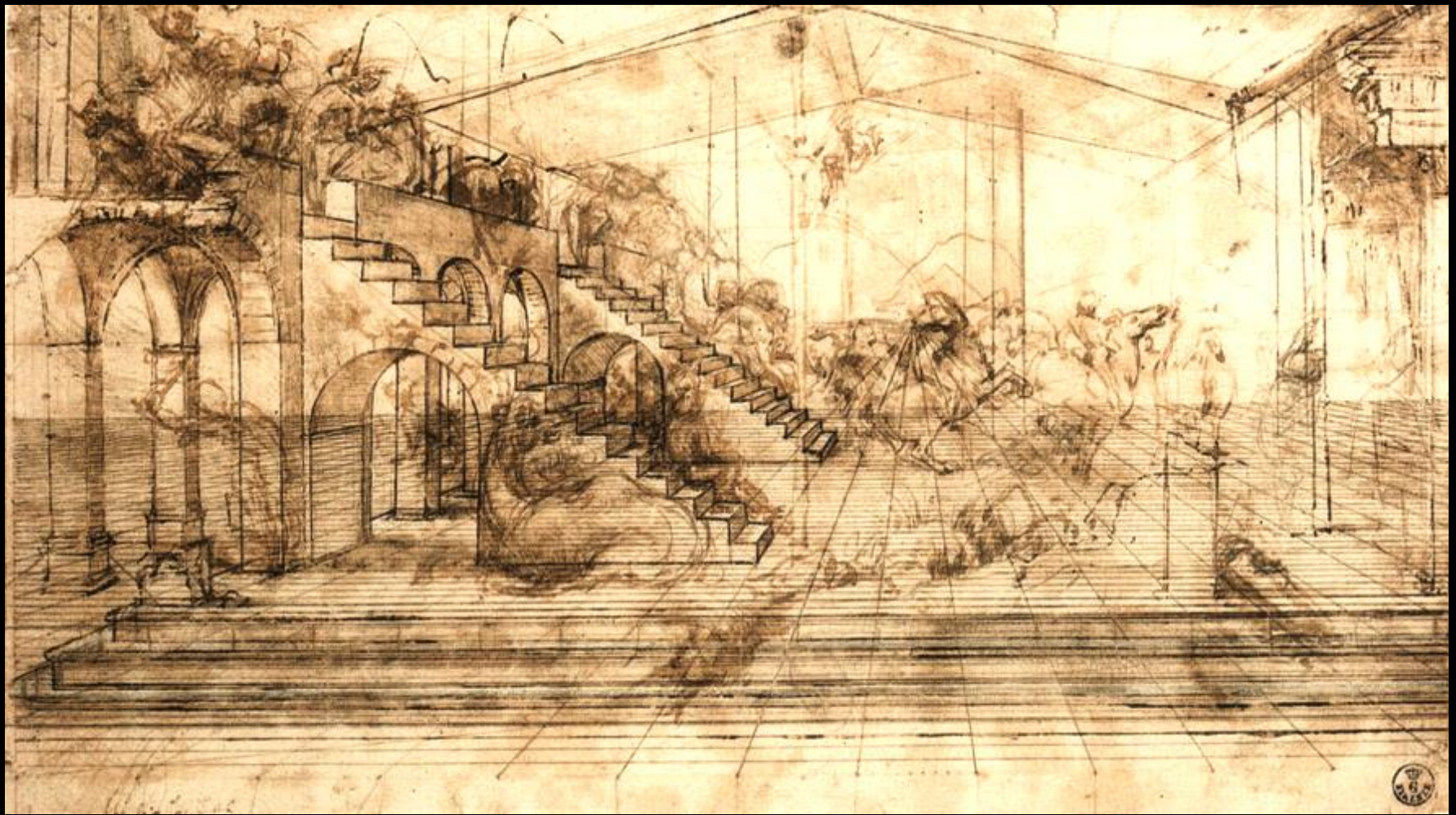
A complexidade de formas, linhas, volumes, sombra e luz, criam o efeito de movimento dedicado a produzir a sensação de ação, é o que caracteriza o estudo para “Batalha de Anghiari” de 1503, e será um dos pontos principais do Barroco. O estudo pertence à Galeria degli Uffizi, em Florença.

Uma segunda lição
“Davinciana” escolhida
recorre à orientações aos
aprendizes: *O jovem deve
primeiro aprender a
perspectiva; as medidas de
tudo e pela mão de um bom
professor deve estudar a
natureza para confirmar a
razão das coisas aprendidas;
deve conhecer as obras de
diferentes mestres e sempre
colocar em prática seu
aprendizado.* Esta é uma
tradução livre do italiano,
cabe destacar que a ideia de
perspectiva no original é
prospettiva.

Prospettiva: chamo a atenção
para esta palavra. A partir do
Renascimento a ideia de
Prospettiva se estabilizou
para *Perspectiva* pois os
estudos da geometria se
consolidaram a partir dali.
Contudo a perspectiva
geométrica como a
conhecemos ainda era
nascente, neste caso, não
corresponde ao entendimento
técnico que se dá a ela hoje.
Se tomarmos a versão
apontada por Da Vinci, o que
surge é a ideia de *Prospecção*
relacionada à observação e
não só à Matemática, campo
da perspectiva geométrica.

Neste sentido, a prospecção, pode se referir a duas coisas: à observação acurada, profunda, minuciosa de algo a ponto de traduzi-la quase que em sua essência semiótica e à organização estrutural. Recorro a este raciocínio para ampliar a concepção Davinciana de Perspectiva, ou seja, não se tratava apenas de um recurso geométrico para representar o espaço mas um método de abordagem, estudo e “prospecção” do entorno, da Natureza. Uma proposição não só técnica como também artística, poética.

Parece plausível entendê-la assim já que as técnicas utilizadas pela perspectiva geométrica são recursos para produzir o efeito de profundidade, de tridimensionalidade a partir de um ou mais pontos de fuga, mas não é só isto. A prospecção de um ambiente implica em apreender o “clima”, “tensão”, a afetividade espacial e não só sua geometrização. Seria extremamente limitado pensar que dominar as técnicas de perspectiva seria o único caminho para o aprendizado em Arte.



Estudo para “Natividade”, Galeria degli Uffizi. Florença.
Percebe-se a o uso dos recursos da perspectiva e aplicação das figuras sobre o traçado geométrico como o fim de intensificar o “efeito de realismo”, de naturalidade ou que que chamei de “afetividade espacial”. Ao mesmo tempo constata-se que o desenho, por si só, é um recurso para estudos, esboços e ensaios.

Uma terceira lição pode ser apreendida a partir da ideia de *Completude* da Pintura à qual Da Vinci se refere.

É necessário entender que as Manifestações Artísticas eram classificadas em termos de “Grandezas”: maiores e menores. As menores seriam as dependentes das atividades manuais, artesanais, quase que apenas operativas e utilitárias, as Maiores eram as que dependiam do intelecto para serem realizadas e da mente e da razão para serem compreendidas.

A tradição Clássica distinguia entre Artes Liberais, relacionadas aos domínios mentais e Artes Mecânicas, relacionadas aos domínios manuais. O Renascimento busca transformar ou ressignificar a Arte Visual, que a Idade Média concebia como algo artesanal ou “mecânica”, em domínios mentais típicos das Artes Liberais, neste sentido é que a ideia de *Completude* aparece, ou seja, como algo só possível de se obter considerando a Arte como ciência como propunha Leonardo da Vinci.

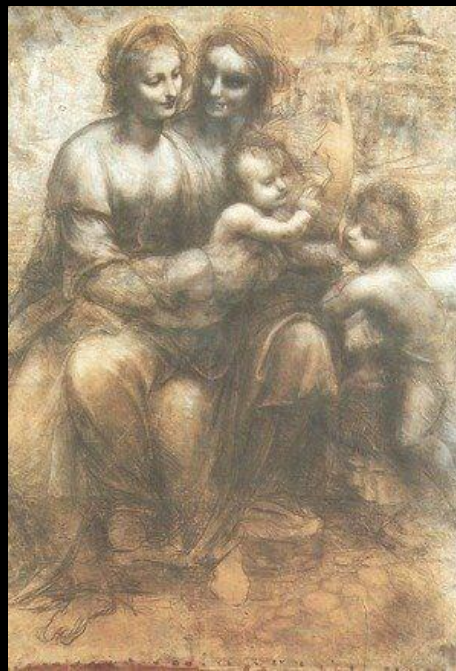


Na “Anunciação”, 1472, Leonardo recorre às técnicas que desenvolve como a “*prospettiva*”, “*chiaroscuro*”, “*sfumatto*”, os estudos do panejamento das roupas, as variações das cores em relação aos efeitos de luminosidade e sombras incidentes, corpóreas e projetadas para obter o máximo de eficiência visual o que caracteriza esta ideia de Completude.

Uma quarta lição seria a consagração da Pintura como a maior das “Artes”. Embora tivesse como “concorrentes” naquele momento, o Desenho, a Escultura, a Poesia e a Música. O desenho era base para a Pintura e outros projetos, portanto, a ideia de prospecção como recurso estético/conceitual.

A Escultura não conseguia dar conta da natureza, pois não “representava” o ambiente, o cenário. A Poesia, só tinha palavras, portanto, só descrevia e não mostrava. Os sons da Música não podiam descrever, tampouco mostrar.

Então, para ele, somente a Pintura, por sua capacidade de transformar o visível em imagem, era passível, por meio de formas, sombras, luzes e cores, informar direta e rapidamente tudo o que pretendia dizer sem os rodeios da literatura, portanto ela teria maior “completude” ao atingir com mais eficiência os efeitos desejados em relação à representação da Natureza e dos aspectos efetivos da vida humana. A figuratividade naturalista da Pintura a justificava como uma “Arte Completa”.



A Virgem, o Menino e Sant'Anna, 1508. Ao lado, desenhos dos estudos desenvolvidos por Da Vinci para realização desta obra. A realização da Pintura era precedida de vários estudos para que, ao final, nada parecesse estar "ao acaso".

Uma quinta lição poderia ser a aproximação da Arte com a “Natureza”, com o mundo natural.

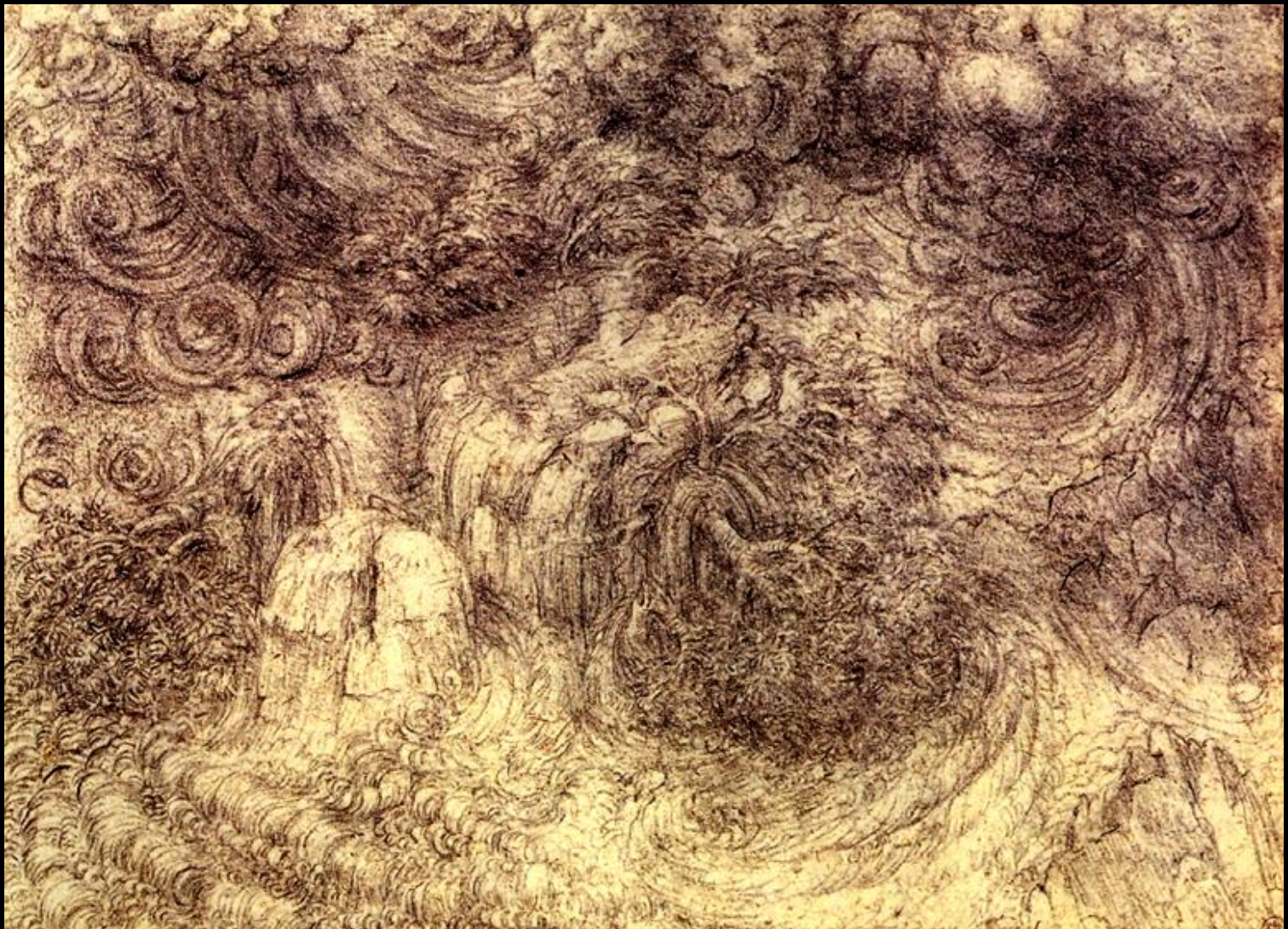
No Renascimento a questão da reprodução do visível era um ponto de honra para os artistas, logo, o naturalismo e até um certo “realismo” era desejável e buscado pelo gosto reinante.

Da Vinci concebe a Natureza como uma referência para a apreensão sensível, portanto, um modelo para a criação artística, a Pintura, concebida como Ciência da representação da Natureza.

Diz que a Natureza deve ser tratada na sua simples identidade e que qualquer “melhoria” que se lhe possa impor, pois isto só a tornaria pior e inverossímil. Ao mesmo tempo é necessário entender que ele não buscava a representação visual pura e simples ou mimética do visível, mas sim o visível transformado pela ciência, como a compreensão das características climáticas, por exemplo. Esta transformação científica da natureza seria a aplicação de métodos de observação e representação sistematizados.



Primeiro desenho encontrado de Leonardo. Vale do Arno, 1473.



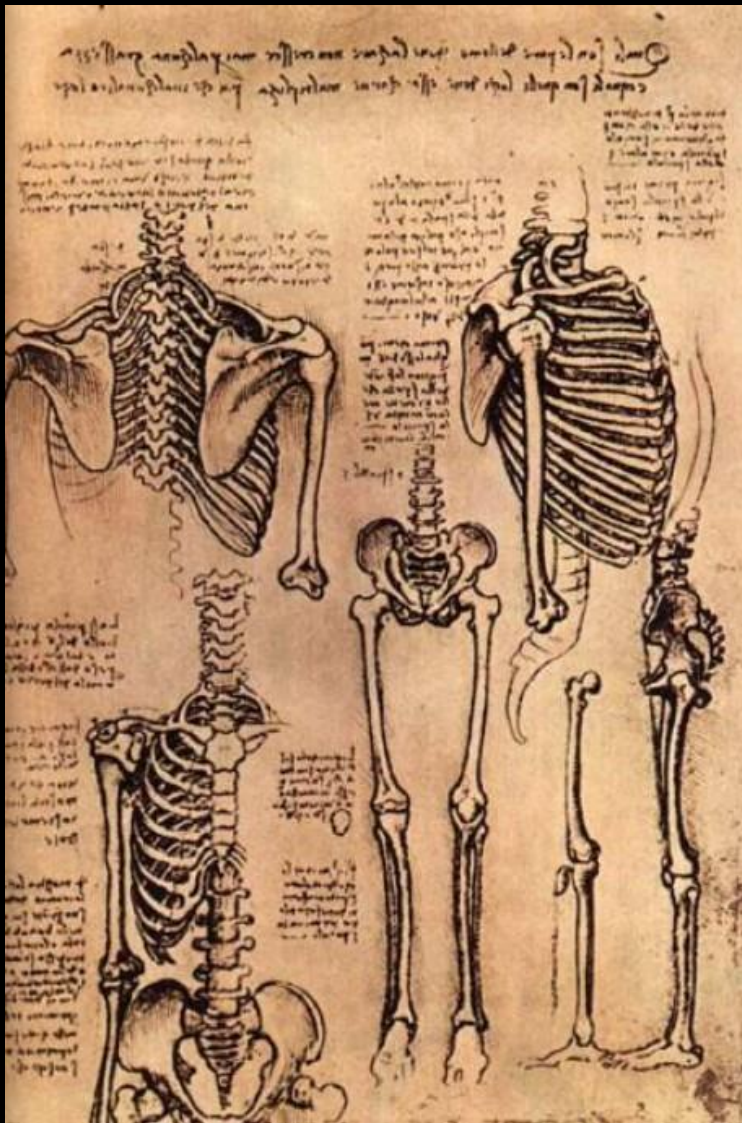
A concepção de “final dos tempos”, de Da Vinci, por volta de 1517, revela um cataclisma natural, tempestade vigorosa, um novo dilúvio. Neste caso ilustra o que a tragédia descrita no Apocalipse tentando criar um “clima” apocalíptico.



Estudos de Leonardo para João Batista e panejamento.

Tal sistematização aparece em vários de seus estudos de anatomia humana, animal e vegetal, desenvolve uma abordagem criteriosa e sistemática de observação e registro com vistas a descobrir não só a imagem que melhor represente o que vê, mas tudo o que faz com que aquilo que seja visto e entendido como compatível com sua essência fundadora natural. Uma figura humana não pode prescindir de sua ossatura e musculatura, tudo isto faz parte da imagem, mesmo que não sejam vistas na figura representada.

O método insistia no Desenho e na importância em desenhar e desenhar e desenhar para depois conceber. Ele não concebia a criação sem observação e experimentação, ambas qualificariam o trabalho do artista, o desenho era um meio e recurso para refinar a apreensão e compreensão. A apreensão sensível da natureza ocorria a partir do olhar, mas não do olhar distraído e sim do olhar perscrutador, objetivo e constante, o que justifica ainda mais o conceito de prospecção anteriormente apontado.



A busca pela precisão, observação de causas e efeitos, é uma das características de Leonardo, seus desenhos anatômicos revelam isto: não basta ver, observar, mas entender, aprender, conhecer.

Uma sexta lição poderia ser obtida de sua compreensão das cores.

Observa com precisão as interferências atmosféricas no meio ambiente e concebe que as cores não são estáveis, mas fluídas e alternáveis.

Percebe os “contrastes simultâneos”, a “dispersão cromática” e o efeito retiniano de “cores inexistentes”.

Só mais tarde outros teóricos e também os Impressionistas confirmam tal lição como recursos técnicos e expressivos eficientes.

Uma sétima lição pode ser depreendida do que chama de “*Preceitos do pintor*”: “...*não será universal aquele que não amar igualmente todas as coisas que pertencem à pintura*”.

Exemplifica tal proposta ao citar um comentário de Botticelli sobre a paisagem dizendo que, para alguns artistas, fazer paisagem era apenas o ato de aplicar manchas de cor na superfície. Para ele o detalhamento era essencial para criar o efeito de veridicção, de naturalismo e realidade.

Reforça tal afirmação ao dizer que:

“É bem verdade que se pode ver em tal mancha diversas composições [dependendo] do que se quer aí buscar, ou seja, cabeças humanas, animais diversos, batalhas, rochedos, mares, nuvens e bosques e outras coisas semelhantes;... Mas ainda que essas manchas te forneçam a invenção, elas não te ensinam a dar acabamento a nenhum detalhe. E esse tal pintor fez paisagens bem pobres”.

A lição que se retira deste fragmento de texto é a liberdade que tem o artista de buscar suas fontes de “inspiração”, melhor dizendo: motivação. Neste sentido abre a possibilidade de que o processo criativo não se reduz apenas a observação mecânica, a modelos e procedimentos prescritos, mas está sempre aberto à invenção e a experimentação assim como outros campos de atividade o permitem. A importância é consolidar a pesquisa como meio para obter um fim.

Uma última lição recortada de seus ditos: *Pittura è cosa mentale*.

De um modo Moderno, pode-se dizer que a Pintura é produto da mente e invenção e não só reprodução, cópia ou imitação da natureza como parece ser na concepção tradicional. Mas o que se depreende desta afirmação é que a Pintura deve se ater à ciência, este é um grande legado de Da Vinci para a posteridade: sua crença de que a Arte não prescinde da Ciência, pois ela é também e ao seu modo Ciência.

Requer para a Pintura o rigor científico que se dá à geometria, ao desenho, à cor e todas as possibilidades e potenciais relacionados à criação artística imagética.

Isto se revela por meio de suas anotações e prescrições.

Neste sentido é que se pode dizer que para Leonardo da Vinci que “*Arte é cosa mentale*”, ou seja resultado da pesquisa e do conhecimento científico. Em síntese, para ele, a Arte é uma forma e um meio de saber.

Bem, suponho que tais “Lições” tenham servido para olhar com olhos mais acurados a postura de Leonardo da Vinci.

Não foi minha intenção criar um “receituário” ou uma reprodução das falas do mestre e sim prestar uma homenagem aos 370 anos do *Tratatto della Pittura* retirando dele algumas falas que representassem uma pequena parte dos 935 parágrafos que compõem a publicação à qual recorri. Justa homenagem, acredito.

Enfim, pode-se dizer que um conjunto de escritos como este é apenas a “pontinha do iceberg” e que mal representa a imensa obra de Leonardo da Vinci. Os vários Códices que contém a obra Davinciana não esgota o aprendizado daqueles que se dispõem a lê-los. Não me refiro apenas ao conhecimento explícito no texto como portador de informações de seu tempo, mas ao processo mental com o qual Da Vinci tratava os diferentes temas.

Salve! Mestre Da Vinci!